

## **Subjetividade capitalística e sexualidade contemporânea: construindo um sentido**

Capitalistic subjectivity and contemporary sexuality: constructing a sense

Paulo Roberto de Carvalho

Universidade Estadual de Londrina

---

### **RESUMO:**

As sociedades contemporâneas, inscritas no modo de produção capitalista, estão envolvidas em um processo de subjetivação, ou seja, de produção continuada de modos de pensar, de sentir, de avaliar, que se revertem na manutenção desta mesma ordem social. Um dos processos mais evidentes no contexto da subjetivação é a valoração de diferentes aspectos da vida a partir da quantificação econômica, de forma que o próprio capital torna-se doador de valor e de sentido para diferentes domínios da vida. A existência torna-se unidimensional, perdendo a complexidade à medida que substitui os múltiplos sistemas de valor pela valoração capitalista. Também a sexualidade inscreve-se na subjetivação capitalística: por um lado, ela comparece associada às mercadorias numa infinidade de peças publicitárias; por outro, permanentemente associada ao universo das mercadorias, acaba por adquirir algumas das suas qualidades. É nesse contexto que se verifica o aumento das relações amorosas de curta duração, relações descartáveis.

**Palavras-chave:** capital; subjetividade; sexualidade.

---

### **ABSTRACT:**

The contemporary societies, enrolled in the capitalist mode of production, are involved in a subjectivation process, that is, in a continuous production of manners of thinking, feeling and evaluating that are reverted in the maintenance of the social order. In this context of subjectivity productions, one of the most evident processes is the attribution of value to different aspects of life based on an economical quantification, so the capital becomes a giver of value and sense for different domains of life. The existence becomes one-dimensional, losing its complexity as it substitutes multiple value systems for the capitalist values. Sexuality also enrolls in the production of capitalist subjectivity: on the one hand, it is permanently associated to diverse merchandises in multiple advertising pieces. On the other hand, our sexuality acquires some of the merchandise qualities. In that context, the increasing of the loving relationships of short duration and dismissible relationships is verified.

**Key-words:** capital; subjectivity; sexuality.

---

A emergência da Psicologia Social como um campo de produção do conhecimento trouxe consigo uma problematização acerca da complexidade da vida em sociedade. Desde então, novas questões se colocam para a reflexão nas ciências humanas - problemas emergentes que não se colocam para serem resolvidos, mas antes para se desdobrarem em outros campos de questionamento. Uma questão que ganha destaque nesse contexto e que permanece convocando o pensar é a relação entre indivíduo e coletividade. Historicamente, a sociologia se encarregou do estudo das populações em seus aspectos coletivos, tais como cultura, etnia e política. Já a psicologia clínica, utilizando-se de estudos de casos, buscava a compreensão do sujeito psicológico, ou ainda, do comportamento.

Ocorre que a complexidade dos processos sociais, que se inscrevem no cotidiano, não acompanha esta divisão de saberes nas ciências humanas, solicitando sua transformação. Temáticas tais como as relações de gênero, o preconceito e os processos grupais, já bastante estudadas na psicologia social, são simultaneamente individuais e coletivas, apontando a necessidade da proposição de conceitos que superem essa dicotomia.

### **A subjetividade em questão**

É nesse contexto, e respondendo à demanda por conceitos que incorporem as dimensões do individual e do coletivo, que o conceito de subjetividade, ou ainda, dos processos de subjetivação, passa a ser utilizado para compreender, sempre de modo parcial, a dinâmica complexa pela qual as diferentes instâncias da vida em sociedade estão implicadas na produção continuada dos sujeitos individuais. Cada uma dessas instâncias é um pólo difusor de valores, normas, modos de pensar e de agir, tipos de sensibilidade e uma série de outros componentes que serão apropriados de modo seletivo e singular pelos sujeitos ao longo da vida, num incessante processo de produção. Eis, então, o desafio que o conceito de subjetividade coloca: pensar a vida em sociedade como um campo percorrido por fluxos de diferentes tipos. Discursos, imagens, signos e símbolos são permanentemente difundidos de modo a serem incorporados pelos sujeitos no processo mesmo de sua constituição, que é, também ela, continuada. Dito em outras palavras, uma produção coletiva dos sujeitos, na qual estão implicadas múltiplas instâncias do social, uma produção do psiquismo em suas infinitas variações, ou ainda, uma produção do “eu”, com suas reivindicações de originalidade.

Remeter-se aos processos de subjetivação e à subjetividade corresponde, assim, a uma resposta parcial, possível nesse tempo histórico, ao desafio de compreender o humano sem qualquer recurso à metafísica, sendo engendrado numa produção ininterrupta que é imanente à vida em comum. Partindo daí, torna-se impossível pensar o sujeito como realidade dada:

enquanto vivo, o sujeito está a se constituir e, enquanto morto, ele já não existe. A subjetividade, tomada como produção complexa e compartilhada, realizada por entrecruzamento de diferentes determinações da vida em sociedade, permite delinear a complexidade que a vida na contemporaneidade comporta, tal como observa Guattari:

*Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade, renunciando totalmente à idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 34).*

A constatação de que a vida cotidiana é o meio no qual se realiza a produção social dos sujeitos individuais por vezes esbarra na argumentação de que, se assim fosse, seríamos todos iguais, posto que produzidos em série por uma mesma sociedade. Trata-se aqui de um falso problema, uma vez que aquilo que rapidamente denominamos sociedade é antes uma multiplicidade caótica na qual se inscrevem as heranças étnicas, as tradições culturais, as classes sociais, as instituições, os grupos sociais de diferentes tamanhos e os indivíduos. A constituição do sujeito individual, neste contexto, se realiza sempre a partir de uma parcela destas múltiplas determinações parciais. Não é, portanto, a sociedade como um todo que intervém na constituição do sujeito individual, mas, antes, uma parte das instâncias acima mencionadas. E esta parcela, ao variar de sujeito a sujeito, muitas vezes de acordo com a sua inserção numa ou noutra cultura ou segmento social, termina por favorecer a variação.

A constituição do sujeito individual é sempre uma extração parcial dos componentes de subjetivação permanentemente veiculados nos diferentes contextos. Extração, aqui, implica destacar, dos fluxos em circulação, segmentos que serão acolhidos e incorporados à constituição de cada sujeito. Realiza-se, assim, de modo contínuo e seletivo, a apropriação de componentes que, como já foi dito, são heterogêneos. Uma apreensão singularizante, posto que aquilo que é veiculado socialmente pode sofrer uma transformação ao inscrever-se no plano subjetivo do sujeito individual. Assim, é possível construir uma aproximação teórica com aquilo que verificamos corriqueiramente em nossa vida cotidiana: o humano sendo produzido nas infinitas variações dos sujeitos individuais, sendo que esta produção se dá exclusivamente na vida em comum ou ainda na sociedade.

Em cada uma das situações vividas no cotidiano, o sujeito, não necessariamente de modo consciente, destaca segmentos de fluxos que irão compor o seu “eu”. Ao destacá-los, valora-os de modo singular, atribuindo um sentido aos mesmos. É assim que se evidencia a

produção social dos sujeitos individuais no plano da subjetividade contemporânea. Podemos observá-la na descrição proposta por Félix Guattari:

*A “fabricação” de um sujeito passa doravante por longos e complexos caminhos, engajando, através da família, da escola, sistemas “maquínicos” tais como a televisão, os mass mídia, o esporte... Insisto no fato de que não é apenas o conteúdo cognitivo da subjetividade que se encontra aqui modelado mas igualmente todas as suas outras facetas afetivas, perceptivas, volitivas, mnêmicas... (GUATTARI, 1992: 190-191).*

A ênfase no potencial de variação que a produção social dos sujeitos individuais comporta sofre, no entanto, uma pressão em sentido contrário. Félix Guattari, em diferentes momentos, destaca a variação infinita como uma potencialidade dos processos de subjetivação. No entanto, ele reconhece que cada período histórico e cada formação social a ele correspondente elegem uma pauta de valores, bem como modos de pensar, agir e sentir considerados mais apropriados à sua dinâmica e à perpetuação daquela sociedade, que atua de modo permanente na veiculação desses modos de ser. Dito em outras palavras, os processos de subjetivação não são indiferentes aos modos de organização social vigentes, sendo possível considerar que cada sociedade, historicamente datada, como é o caso das sociedades capitalistas, engendre processos de subjetivação que intervenham na produção dos sujeitos individuais nelas inscritos. Félix Guattari assinala, desse modo, a existência de uma subjetividade capitalística:

*O que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não somente uma produção da subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 16).*

Nessa colocação comparecem a amplitude e a complexidade dos processos de subjetivação, produção continuada de cada um de nós ao longo da vida. Produção até mesmo de um inconsciente que se inscreve em nossos corpos sem que se tenha dele consciência. Os processos de subjetivação, na contemporaneidade, inscrevem-se numa dinâmica polarizada. Por um lado, ao veicular por meio do aparato tecnológico os valores, as idéias e os sentimentos de cada uma das inúmeras culturas, ocorre uma ampliação, que tende ao infinito,

das possibilidades de variação na constituição do sujeito. Isso cria condições para emergência de composições únicas e inusitadas na subjetividade. Tal potencialidade, no entanto, não se efetua significativamente, uma vez que as sociedades contemporâneas e capitalísticas enveredam na produção de uma subjetividade que se produz e reproduz sob a hegemonia dos valores associados ao capital.

É neste contexto que emerge uma constituição subjetiva, coletiva e individual marcada pelo próprio capital e na qual está implicada a equivalência geral, ou seja, a função exercida pelo dinheiro na vida cotidiana. A potencialidade para a variação no plano da subjetividade ou ainda para a singularização cede espaço para uma subjetivação serializada, empobrecida, marcada por uma cinzenta monotonia, tal como se pode observar:

*A esse respeito, convém, particularmente, situar a incidência concreta da subjetividade capitalística atualmente, subjetividade do equivaler generalizado, no contexto de desenvolvimento contínuo dos mass média, dos Equipamentos Coletivos, da revolução informática que parece chamada a recobrir com sua cinzenta monotonia os mínimos gestos, os últimos recantos de mistério do planeta (GUATTARI, 1992: 34-35).*

Assim, na contemporaneidade capitalística é possível observar que ao empobrecimento e à miséria que se fazem presentes em escala mundial, acrescenta-se agora um empobrecimento do ponto de vista da subjetividade. Guattari (1992) considera que à devastação socioeconômica das populações e a uma devastação ambiental sem precedentes soma-se hoje a emergência do “campo social devastado pela subjetividade capitalística” (p. 26).

O período histórico atual assiste a um empobrecimento da subjetividade, o que corresponde a uma redução das possibilidades de variação nos processos de constituição do sujeito em função de uma subjetivação que tende a ser hegemônica, sob a égide dos valores do capital. Félix Guattari assinala a necessidade de operar uma reversão radical deste modo de valorização estéril e monótono. Propõe ainda resgatar o caráter múltiplo e complexo da existência pela multiplicação dos modos de valorização na vida contemporânea. Ou ainda: “À oposição estéril entre valor de uso e valor de troca, convém opor uma compleição axiológica incluindo todas as modalidades maquínicas de valorização: os valores de desejo, os valores estéticos, ecológicos, econômicos...” (GUATTARI, 1992: 69).

### **A sexualidade no contemporâneo**

É possível considerar que, com a argumentação de Guattari, ganha forma um diagnóstico do presente que se estende às sociedades contemporâneas. É sobre o contexto complexo parcialmente descrito que podemos introduzir a problemática da sexualidade tal como é vivida nas sociedades atuais organizadas sob a hegemonia do capital. Que transformações no plano da sexualidade derivam da subjetividade capitalística? Primeiramente, há que se assinalar que na contemporaneidade a sexualidade deixa radicalmente de ser confinada à instituição familiar e à função reprodutiva. Em escala populacional, sanciona-se um novo modo de vivência da sexualidade no qual se torna legítimo o uso do próprio corpo bem como o uso consentido e esclarecido do corpo do outro para o prazer sexual.

Como compreender esta mudança acelerada nos valores e nas práticas sexuais que foi e é celebrada até hoje como uma liberação sexual? Uma análise do cotidiano das grandes metrópoles que compõem o ambiente urbano da contemporaneidade capitalística nos permite assinalar uma saturação de referências à sexualidade. São imagens e textos com apelo erótico que se distribuem pela paisagem urbana e que possibilitam a seguinte consideração: se a sexualidade deixou o confinamento na instituição familiar foi para assumir outras funções, agora no espaço público. E como a contemporaneidade é atravessada permanentemente pelas operações do capital, de compra e venda de mercadorias, não seria nestas operações que a sexualidade ganhou novas funções? É isso que Félix Guattari assinala:

*Em todas as sociedades, sexualidade é normalizada. Isso não é nenhuma novidade. O que interessa é a maneira como ela é utilizada, incorporada, na constituição da força coletiva de trabalho, na produção de consumidores, no conjunto de sistemas de produção inerentes ao capitalismo. A sexualidade, antes, era reservada ao domínio privado, às iniciativas individuais, aos clãs e às famílias. Agora, a máquina de desejar é uma máquina de trabalhar. É nesse nível dos investimentos do desejo que se encontram as reservas de capacidade de expressar a revolta e o sistema age sobre isso de maneira preventiva (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 280).*

Nesta colocação, algumas das tendências da subjetividade capitalística se delineiam. Por um lado, a sexualidade passa a desempenhar funções no mercado, promovendo a circulação de mercadorias e de dinheiro. Por outro, desejo e trabalho estão cada vez mais próximos na forma de um desejo investido no trabalho. Mas o que é o trabalho, senão uma operação de venda de mão-de-obra, ou ainda, de parcelas do tempo de cada dia? Assim,

também pela via do sobre-investimento no trabalho é uma subjetividade referida à compra e à venda, aos equivalentes gerais, que se constitui. Isto tem caráter preventivo, observa o autor, uma vez que até mesmo os modos de resistência e revolta são processos desejantes que, sob o peso de uma subjetividade capitalística investida na circulação de mercadorias, acabam esvaziados.

Um dos vetores estratégicos da subjetivação capitalística é, sem dúvida, o imenso aparato de produção da demanda, organizado sob a forma de uma indústria da publicidade. Uma produção especificamente desejante, de um desejo cuja satisfação reside no consumo da mercadoria. A veiculação sistemática das campanhas publicitárias tem por objetivo a difusão desse tipo de desejo e, por esta via, inscreve no psiquismo individual as necessidades de consumo. A publicidade é uma das mais poderosas instâncias de produção subjetiva. Mas como a sexualidade nela comparece? Que efeitos produz o apelo erótico recorrentemente veiculado pela propaganda?

Uma parcela significativa das mensagens publicitárias recorre hoje ao erotismo e à sensualidade. Sejam elas impressas, radiofônicas, televisivas ou eletrônicas, as peças publicitárias mantêm-se nos marcos de uma forma geral na qual a mercadoria comparece nas adjacências de um objeto do desejo sexual, um corpo masculino ou feminino que tem as características dos padrões de beleza dominantes.

Aparentemente, a publicidade busca operar transferindo a condição desejante do objeto sexual para a mercadoria, fazendo o consumidor acreditar que a aquisição da mesma, de alguma forma, aproxima ou viabiliza a posse do objeto do desejo sexual. Mas, como recorrentemente observa Guattari, trata-se, na dinâmica da vida em sociedade, da produção de desejo antes de qualquer tipo de transferência ou transposição. A publicidade, ao veicular conjunta e sistematicamente as mercadorias e os objetos do desejo sexual, realiza uma produção de desejo nas duas direções. O desejo que se produz voltado para a aquisição da mercadoria é o objetivo de todo o processo. Mas há também um desejo que se produz em direção aos objetos sexuais, uma espécie de resultado não computado do processo.

Deste modo, é possível considerar que a difusão publicitária comporta um efeito não calculado: uma infinidade de mercadorias que passam a ser desejadas em função de suas respectivas campanhas publicitárias. Mas como a grande maioria das campanhas se apóia no apelo erótico-sexual, todas convergem numa estimulação do desejo sexual e impactam o conjunto da sociedade, chegando a se inscrever na produção social e coletiva dos sujeitos individuais.

Uma erotização em escala populacional está em curso e seus efeitos fazem-se sentir no cotidiano, desde a precocidade da iniciação sexual até a ênfase cada vez maior na educação sexual, passando pela multiplicação de publicações que tematizam o sexo para todo tipo de público. Pode-se, a partir daí, identificar a importância atribuída ao sexo nos dias de hoje. Trata-se, na realidade, de uma experimentação subjetiva que atravessa as sociedades contemporâneas. A despeito do caráter radicalmente novo de todo esse processo que solicita uma investigação continuada, a parcela visível do mesmo é naturalizada e aceita como “normal”.

Outro aspecto que merece destaque no circuito da produção publicitária com apelo erótico é que o desejo aí produzido tem por objeto mercadorias que são, no mais das vezes, descartáveis. O investimento libidinal é dirigido para o conjunto das operações implicadas na circulação mercadológica: a aquisição, a utilização e também o descarte das mesmas. Produz-se, assim, um desejo investido na sucessiva substituição ou ainda na troca recorrente destes objetos (desejantes) que são as mercadorias. Cabe ainda considerar que a quase totalidade das mercadorias é rapidamente descartável, possibilitando no plano do desejo uma naturalização das rápidas e sucessivas trocas de objetos. Uma questão inquietante emerge daí: esta produção de um desejo investido no descarte não estaria sendo apropriada para a dinâmica das relações amorosas e sexuais, eventualmente abreviando o tempo de duração das mesmas e provocando uma fragmentação dos vínculos afetivos e sexuais pela substituição frenética dos objetos do desejo?

Félix Guattari, fazendo considerações sobre as relações amorosas na contemporaneidade, acaba por corroborar o acima descrito. Vejamos: “O outro, descartável, é a mera paisagem que, quando muito, mimetizamos. E, almas penadas, *viamos* por entre essas paisagens que se sucedem, assim como nós mesmos. Nunca pousamos em paisagem alguma de modo a constituir território” (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 288). Talvez um dos impactos mais relevantes da veiculação de uma subjetividade capitalística possa ser entrevisto neste processo. Delineia-se no contemporâneo a produção de uma espécie de zona de indiscernibilidade entre os humanos que comparecem diante de nós como eventuais objetos do desejo sexual e as mercadorias, também objetos do desejo, mas que se prestam a ser consumidas e descartadas.

A produção dessa zona do indiscernível possibilita o trânsito de características das mercadorias ao humano, bem como atribuição de características humanas às mercadorias. O engendramento coletivo desse processo conta com um aliado poderoso até aqui não considerado: no mercado de trabalho, os humanos comparecem precisamente na condição de

mercadoria e, é necessário acrescentar, como mercadoria cada vez mais descartável, precarizada nos seus vínculos com o aparato da produção. Se considerarmos a possibilidade de uma criação da zona do indiscernível entre humanos e mercadorias, estarão dadas as condições para nos questionarmos: não estaríamos hoje nos relacionando com os nossos objetos do desejo sexual enquanto mercadorias descartáveis?

De qualquer modo, para Guattari, a dinâmica que se imprime no meio social, que é simultaneamente de produção e de desejo, ambos referidos ao consumo, já provocou efeitos significativos, talvez irreversíveis, nos nossos modos de amar. Cabe considerar que tais efeitos são descritos pelo autor como uma inflação, processo esse de natureza econômica e que remete à circulação de dinheiro e de mercadorias. “O capital inflacionou nosso jeito de amar: estamos inteiramente desfocados. Muitos são os caminhos que se esboçam a partir daí: do apego obsessivo às formas que o capital esvaziou (...) à criação de outros territórios de desejo” (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 284).

A subjetividade capitalística produz sobre o plano da sexualidade uma inscrição gradativa das relações amorosas e sexuais nas trocas mercadológicas regidas pela equivalência geral. Hoje, na vivência da sexualidade, o humano confunde-se com a mercadoria de tal modo que o caráter descartável das mesmas estende-se para as relações sexuais. A inflação nos modos de amar, considerada pelo autor, decorre daí.

Se as questões referentes à sexualidade mantêm um alto grau de implicação com a dinâmica sócio-econômica, então não é possível datar os processos acima descritos somente na atualidade. E, de fato, alguns dos elementos aqui assinalados estão presentes desde o início do capitalismo. Karl Marx, ao descrever o impacto subjetivo das mercadorias sobre os consumidores, assinalou a existência de um “fetiche da mercadoria”, processo pelo qual o inanimado que constitui o bem material passa a exercer poderes sobre o humano. Tal como observa Iray Carone:

*Dizer que a mercadoria é fetiche, ou melhor, dizer que a forma-mercadoria transforma os produtos do trabalho em fetiches significa dizer que a mercadoria é um objeto não-trivial dotado de poder sobre as nossas necessidades materiais e espirituais. Não é, pois, a mercadoria que está a serviço das nossas necessidades e sim as nossas necessidades é que estão submetidas, controladas e manipuladas pela vontade e inteligência do universo das mercadorias (CARONE, 1985: 25).*

Esses poderes se dão na forma de um feitiço ou encantamento que os objetos manufaturados exercem sobre o humano. Marx considera que tal encantamento deriva especificamente do trabalho humano que se encerra na forma mercadoria. Esta, exposta nas

prateleiras, apela ao humano exibindo suas características humanas, enquanto que o trabalhador converte-se em mercadoria para enfim poder consumir os bens materiais. Como vemos, a zona do indiscernível entre o humano e a mercadoria vem se constituindo desde o início do capitalismo. É interessante observar que a noção de fetiche, utilizada por Marx, tem também um sentido erótico.

É possível entrever, nesse contexto, o quanto a subjetividade capitalística, ao se propagar pelo fetichismo da mercadoria, implica o empobrecimento da vida, o abandono de potencialidades e mesmo do leque de possibilidades que a existência no contemporâneo pode oferecer. O que resulta daí é a produção histórica de sujeitos constituídos na dinâmica do capital, o que comporta, tal como observa Guattari, certo tipo de sofrimento. Vejamos:

*Os indivíduos são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, valor que responde ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. São espécies de robôs, solitários e angustiados, absorvendo cada vez mais as drogas que o poder lhes proporciona, deixando-se fascinar cada vez mais pela promoção. E cada degrau de promoção lhes proporciona um certo tipo de moradia, um certo tipo de relação social e de prestígio (GUATTARI& ROLNIK, 1996: 40).*

### **As resistências possíveis**

Esta busca pelo prestígio e pela promoção, marcas de uma subjetivação capitalística, tem seu equivalente no domínio da sexualidade e faz com que populações inteiras lancem-se em busca de procedimentos voltados para a modificação da aparência facial e corporal, visando atingir os padrões de beleza reconhecidos como desejáveis na sexualidade contemporânea. Há aqui uma padronização que atinge a subjetividade, mais especificamente a sensibilidade, modelando-a em função dos padrões de beleza dominantes e tornando-nos insensíveis a outras composições estéticas. Nas palavras de Guattari e Rolnik (1996): “E se o que estou dizendo tem a ver, resistir a esta sexualidade dominante significaria ter como alvo tanto um modelo de homem (...) quanto um modelo de mulher (...). A resistência consistiria em embarcar nos processos de diferenciação de todos esses modelos” (p.81).

Reverter a modelização que a subjetividade capitalística imprime na sexualidade contemporânea pode, então, se constituir em uma forma de ativar a resistência, ao mesmo tempo política e desejante, contra o processo, ora em curso, de totalização da vida sob a ótica do capital. Para uma re-apropriação do sexo e do desejo, na contracorrente das modelizações capitalísticas, faz-se ainda necessário lançar mão de outros sistemas de valorização, alternativos ao valor econômico e monetário. É por aí, destaca Guattari, que ingressamos nos

processos de singularização: “O que estou chamando de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam de todos os lados” (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 47).

Por fim, resgatar a sexualidade contemporânea como uma afirmação do desejo, nas suas múltiplas singularidades, vai implicar uma recusa completa da subjetivação capitalística. A singularização, enquanto processo, vai reafirmar a presença do desejo, seja ele referido à vivência da sexualidade, seja ele inscrito em outras dimensões da existência. Nas palavras do autor, podemos encontrar uma conclusão parcial que é, antes, uma proposta de resistência política e existencial:

*O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística. Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade (GUATTARI & ROLNIK, 1996: 47).*

Eis, aí, o sentido que emerge para a vivência da sexualidade contemporânea. Resgatar o foco no desejo para as práticas amorosas e sexuais, revertendo as padronizações e modelizações que incidem sobre nossa sensibilidade, é uma possibilidade que se inscreve num movimento mais amplo, de resgate do desejo na infinidade de situações que compõem a vida cotidiana. Afirmar o desejo como valor, como algo que tem valor e pode se constituir numa referência para a invenção de novos modos de vida. Elaborar-se, assim, uma estratégia para enfrentar a subjetivação capitalística, ou seja, a mercantilização da vida que faz do tempo atual, a despeito das possibilidades que se descortinam com o avanço tecnológico, um período sombrio.

### **Referências Bibliográficas**

- CARONE, Iray. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: LANE, Silvia & CODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Paulo Roberto de Carvalho  
Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
Mestre em Psicologia Social e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP  
E-mail: [paulor@uel.br](mailto:paulor@uel.br)